

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya. 6 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002. 115 p.

**Rafael da Silveira<sup>1</sup>**

*Os sete saberes necessários à educação do futuro* é uma obra que se apresenta para que possamos analisar a educação do amanhã, por isso, a Unesco solicitou a Edgar Morin, autor de obras de renome em que discute a educação, para aprofundar a visão transdisciplinar da educação em sete saberes que podem se constituir como caminhos que se abrem para aqueles que pensam e fazem educação, no sentido de promover um processo de ensino e aprendizagem capaz de formar integralmente o educando neste século XXI.

Nele, são discutidos sete saberes sistematizados que considera fundamentais, para que possamos refletir e sair da inércia da fragmentação e da excessiva disciplinarização que a instituição escolar insiste em reproduzir tradicionalmente nas últimas décadas, no sentido de que possamos sair da zona de conforto e ter um ponto de partida para repensar a educação do próximo milênio.

O autor discute temas fundamentais para a educação contemporânea, potencializando os atores da instituição escolar, que muitas vezes ignoram um debate político educacional sério e comprometido com a realidade de seu tempo nos diversos contextos e tempos escolares em que se apresentam os desafios e incertezas da atualidade, em processos de análise, discussão e compreensão das práticas pedagógicas na intenção de favorecer ações de reconstrução didático-pedagógicas escolar.

Tais ações contemplem novas maneiras de ensinar que envolvam a compreensão dos seguintes saberes: as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a

---

<sup>1</sup> Psicanalista Clínico, Especialista em Neuropsicopedagogia, Psicopedagogia Clínica e Institucional e Pedagogo Orientador Educacional; Faculdade Maurício de Nassau (FAR); E-mail: prof.rafael.silveira@gmail.com

identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; e, por fim, a ética do gênero humano.

A obra é apresentada para que o leitor possa exercer a sua reflexão crítica em torno de sete saberes fundamentais para a prática educacional do século XXI, sendo o primeiro capítulo sobre *As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão*, elucidando a necessidade de conhecermos o que é o conhecimento humano para que a sua transmissão não seja cega, no sentido de que possa ser examinada e, principalmente, crítica e lúcida.

Para o autor, a condução do erro e da ilusão como cegueira do conhecimento se realiza por causa das próprias características do ser humano, como as cerebrais, mentais, culturais em posições tanto psíquicas quanto socioculturais, sinalizando que todas as nossas percepções resultam de reconstruções cerebrais através de estímulos ou sinais que são interpretados e codificados pelos sentidos, sujeitos aos erros mentais, intelectuais e da razão, como foram as cegueiras paradigmáticas do conhecimento formuladas por Descartes, a partir do século XVII na Europa.

Sobre a incerteza do conhecimento, revela que o inesperado nos surpreende e o novo brota sem cessar num emaranhado de renovação em todos os conhecimentos devendo reconhecer as suas causas múltiplas, tais quais: as condições bioantropológicas (conexão entre o cérebro e mente humana), as condições socioculturais (conexão aberta da cultura através do diálogo e das ideias) e as condições noológicas (conexão das teorias abertas) que provocam questionamentos fundamentais sobre o mundo, o homem e a produção do conhecimento.

No segundo capítulo sobre *Os princípios do conhecimento pertinente*, argumenta que é ignorada a relação da produção de conhecimentos da esfera *macro* ou global para o nível dos conhecimentos da esfera *micro* ou parciais e locais, uma constante falta de conexão entre as partes e a totalidade, afirmando ser necessário estabelecer relações mútuas e recíprocas entre as partes e todo, sendo essencial as questões de contexto (aquisição de sentidos), do global (o todo e as partes), do multidimensional (o humano ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional) e, por fim, do complexo (que foi tecido junto entre unidade e multiplicidade).

No terceiro capítulo sobre *Ensinar a condição humana*, faz saber que a unidade complexa humana não é contemplada no seio educacional por causa das disciplinas que acabam fragmentando o ser humano, por isso, defende a ideia de integração dos conhecimentos, passando pelas humanidades, a filosofia, a história, a literatura, a poesia, as artes, dentre outras, em forma de conhecimento transdisciplinar.

Reconhece o humano dentro e fora da sua própria natureza quando elucida a sua condição cósmica, física, terrestre, humana propriamente dita, sendo a cultura um elemento essencial para o circuito cérebro/mente/cultura, a tríade bioantropológica para o circuito razão/afeto/pulsão e, por fim, a vida em sociedade para o circuito indivíduo/sociedade/espécie.

Afirma que no século XXI, o ser humano será afetado por constantes antagonismos de bipolarização entre estar *sapiens* e *demens* (sábio e louco), *faber* e *ludens* (trabalhador e lúdico), *empiricus* e *imaginarius* (empírico e imaginário), *economicus* e *consumans* (econômico e consumista) e *prosaicus* e *poeticus* (prosaico e poético).

No quarto capítulo sobre *Ensinar a identidade terrena*, argumenta que vivemos submersos na complexidade do mundo sob a égide da era das telecomunicações e da internet, em inúmeras informações que muitas vezes sufocam nossas possibilidades de atuação no mundo, exigindo um pensamento policêntrico nutrido pelas culturas do mundo.

Reconhece a herança de morte que foi o legado do século XX, as suas armas nucleares e defende que no terceiro milênio existe a possibilidade da geração da cidadania terrestre, em que a educação deve se comprometer a transmissão do passado antigo, assim como deve promover a abertura para o novo, no sentido do compromisso da educação com a resistência à morte, a fim de civilizar e solidarizar a terra.

No quinto capítulo sobre *Enfrentar as incertezas*, afirma que ao longo do século XX, apesar das ciências permitirem que formássemos zonas de certezas, também revelaram inúmeras zonas de incertezas e, por isso, aconselha que o ensino escolar institucional precisa de princípios e estratégias para enfrentá-las, a fim de que

possamos aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza.

Sobre a incerteza histórica, cita as grandes barbáries da I Guerra Mundial de 1914, a catástrofe econômica iniciada em 1929, a II Guerra Mundial que arrebentaria em 1939, a implosão do Império Soviético em 1989, e assim por diante, elucidando fatos reais que nos colocam em um futuro repleto de incertezas, sendo a ecologia da ação em três princípios básicos, a saber: o circuito risco/precaução, por causa de seu meio incerto e contraditório sendo um e outro necessários, a fim de podermos uni-los por causa de sua oposição; o circuito fins/meios, porque a incerteza das ações inter-retro-agem umas sobre as outras, sendo possível afirmar que ações perversas podem induzir a resultados felizes; e, por fim, o circuito ação/contexto, porque quando uma ação entra em jogo no seu contexto pode escapar à vontade de seu autor.

Defende a estratégia como possibilidade de ação que pode examinar as certezas e incertezas de determinada situação, com as suas probabilidades e improbabilidades, assim como as informações recolhidas ao longo do percurso poderão contribuir para a vigilância dos acasos, contratempos ou boas oportunidades que poderão surgir.

No sexto capítulo sobre *Ensinar a compreensão*, chama a nossa atenção para a compreensão estar presente na educação do futuro, ao mesmo tempo que lamenta a sua atual ausência, no sentido da construção da compreensão mútua e da reforma das mentalidades, valendo buscar a compreensão não apenas por seus sintomas produzidos, mas por suas causas incorporadas no racismo, na xenofobia e no desprezo que tem perpetuado em nossas sociedades.

Morin entende compreensão como uma missão espiritual da educação em busca da articulação entre a garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade, no sentido de que esta compreensão vai além da mera explicação e afirma que os principais obstáculos da compreensão são o egocentrismo, o etnocentrismo e o sociocentrismo. Aponta como caminho alternativo a ética da compreensão (em buscar entender a incompreensão do porquê e como se odeia ou se despreza) e a consciência da complexidade humana (em buscar compreender o outro que não está próximo de nós).

No sétimo e último capítulo sobre *A ética do gênero humano*, o autor aponta como alternativa a antro-po-ética em sua missão para o milênio, com a finalidade de trabalhar para o processo de humanização da humanidade, a alcançar a unidade da diversidade planetária, a buscar o respeito no outro e, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade de si mesmo, desenvolvendo a ética da solidariedade, da compreensão e do gênero humano.

Afirma que a humanidade como sendo um destino planetário deverá se comprometer com a dialógica democrática e cidadã em caráter antagônicos entre consenso/conflito, liberdade/igualdade/fraternidade, comunidade nacional/antagonismos sociais e ideológicos, em que no presente decorre de gigantescos problemas gesticulados pela enorme máquina sociocultural e econômica em que ciência, técnica e burocracia estão intimamente associadas.

Edgar Morin, nasceu em Paris, na França, é antropólogo, sociólogo e filósofo, sendo judeu de origem sefardita, é formado em Direito, História e Geografia, estudou Filosofia, Sociologia e Epistemologia e é autor de mais de trinta livros, dentre eles, *Ciência com consciência* e *Introdução ao pensamento complexo*, é também pesquisador emérito do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique).

Em consonância com as ideias de Morin, (IMBERNÓN, 2011) aponta para o conhecimento ativo do educador e do compromisso moral e ético, assim como da tomada de decisões em determinadas situações e estratégias de ensino para o planejamento, diagnóstico e avaliação tendo em vista o contexto dos alunos e a sua adaptação à diversidade, afirmando que os docentes precisam desenvolver capacidades de aprendizagem da relação, da convivência, da cultura do contexto e da interação de cada pessoa com o resto do grupo, com seus semelhantes e com a comunidade que envolve a educação, criando espaços de participação, reflexão e formação.

Portanto, uma das reflexões que pode ser extraídas da obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro* está em que o professor deve permanentemente refletir e repensar sobre a sua ação pedagógica, considerando que o conhecimento escolar poderá levá-lo ao erro e a ilusão se sua prática não estiver alicerçada sobre as questões de contexto (relação entre o todo e as partes), do multidimensional (que

comporta o ser humano em suas esferas biológicas, psíquicas, sociais, afetivas e racionais) e da própria complexidade da produção do conhecimento.

Como princípios norteadores para o enfrentamento do problema é interessante notarmos a sua defesa em busca da compreensão, da ética e das culturas planetárias, no sentido de que as culturas devem aprender umas com as outras e reaprender incessantemente para que se possa superar o orgulho da cultura ocidental que sempre se colocou ao longo da história como cultura-mestra. Por isso, é um livro facilitador para todos aqueles que atuam na área da educação, a fim de que possam atualizar-se sobre os saberes que serão necessários para a educação do século XXI.

No entanto, são enormes os problemas e os desafios enfrentados por todos os profissionais da educação, principalmente, se adentrarmos para a análise crítica dos currículos escolares que de maneira geral estão engessados por práticas tradicionais que resistem as mudanças, e diga-se de passagem, quando são propostas se apresentam como ameaças a muitos professores que atuam com uma postura conformista.

Seria necessário refletirmos sobre o processo de materialização desses ideais contidos nos sete saberes considerados necessários à educação do futuro, e consequentemente, inseri-los no seio educacional em forma de propostas didático-pedagógicas, o que torna um desafio frente a outros problemas enfrentados pelos professores de maneira geral, como por exemplo, o caráter administrativo do currículo escolar de adoção do sistema de apostilas que retiram a autonomia dos professores na construção de seus planos de aula e, muitas vezes, nem conseguem acompanhar o ritmo do desenvolvimento dos seus alunos.

## REFERÊNCIAS

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. Tradução: Silvana Cobucci Leite. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.